

Santo, santo, santo

Santo, santo, santo

Como a santidade de Deus nos leva a confiar nele

JACKIE HILL PERRY

Traduzido por Cecília Eller



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2021 por Jackie Hill Perry
Publicado originalmente por B&H Publishing Group,
Nashville, Tennessee, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Corrigida* (RC) e *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (RA), ambas da Sociedade Bíblica do Brasil; e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica, Inc. Eventuais destaques nos textos bíblicos referem-se a grifos da autora.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H545s

Hill-Perry, Jackie, 1989-

Santo, santo, santo : como a santidade de Deus nos leva a confiar nele / Jackie Hill Perry; tradução Cecília Eller. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.
144 p.

Tradução de: Holier than thou
ISBN 978-65-5988-057-7

1. Deus (Cristianismo). 2. Confiança em Deus - Cristianismo. 3. Vida cristã. 4. Vida espiritual. I. Eller, Cecília. II. Título.

22-75554

CDD: 231
CDU: 27-14

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção e diagramação
Felipe Marques

Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Marina Timm

Capa
Douglas Lucas

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: março de 2022

A minhas filhas, Eden, Autumn e Sage.

Esta obra não foi escrita para vocês, mas à sua volta.

Enquanto vocês brincavam, eu estudava e refletia profundamente sobre a natureza de Deus. Enquanto vocês estavam na escola ou no quarto, eu escrevia o máximo possível. Às vezes, vocês me interrompiam querendo me contar alguma coisa ou me mostrar algo. Sempre que isso acontecia, eu pensava comigo: "Isso também é sagrado!".

Há uma pureza infantil na maneira como vocês me procuram para quase tudo.

Minha oração é que o que está escrito a partir de agora seja aquilo a que vocês me veem obedecer, para que, quando cada uma tiver idade suficiente para ler as palavras da Mamãe e entender sobre o Deus santo que elas explicam, se e quando vocês tomarem a decisão de ser como a Mamãe, meu exemplo signifique que vocês serão mais semelhantes a Deus.

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	8
<i>Prefácio</i>	9
<i>Introdução</i>	13
1. Santo, santo, santo!	21
2. Santo, santo, santo: perfeição moral	37
3. Santo, santo, santo: transcendência	60
4. Deuses profanos: idolatria	74
5. Justiça santa	92
6. Santo como?: visão santa	108
7. Santo como?: contemplando, nos tornamos	126
<i>Notas</i>	140

Agradecimentos

Preston, Mãe e Dana, obrigada
Austin, Devin e Ashley, obrigada
Pai, Filho e Espírito, obrigada

Prefácio

Reflexões profundas sobre o caráter de Deus não acontecem sem grandes provações. Pergunte a Moisés. Ele passou boa parte de quarenta anos em desonra até ter um encontro com Deus naquela sarça ardente. Sua vida naquela região inóspita foi mais um deserto pessoal e profissional do que uma estadia nos rincões da desolação. No entanto, algumas das melhores revelações sobre Deus vieram à custa desse seu período de deserto pessoal.

Pergunte a Rute. Uma mulher moabita sem resgatador, que forçou os limites da feminilidade do sexto século a.C., mas determinada a ver a providência assumir o controle da situação. Sua história e descendência nos fazem vislumbrar pedaços do mistério de Deus na tela de sua luta.

Ninguém recebe uma revelação sem um grande preço. Às vezes, o custo é a própria transgressão. Pergunte a Davi. Em algum momento entre Bate-Seba e Absalão, sua vida se tornou o estúdio das melodias celestiais. Boa parte das músicas espirituais que cantamos hoje remontam a sua trombeta da tribulação.

Pergunte a Jackie. O livro que você tem em mãos foi forjado pelo tempo e pelas provações. Jackie pagou um preço para escrever este livro. Parte de seu cansaço vaza na tinta destas páginas. Nenhum de nós é capaz de amar profundamente a Deus e de vê-lo com clareza sem primeiro ter um despertamento para nossa depravação interna, a qual nos leva a um apreço

mais pleno da santidade divina. Parte da riqueza dos tesouros que ela encontrou estão expostos aqui à vista de todos.

Toda era necessita de seu profeta da santidade, uma espécie de convite vivo para que nos maravilhemos na beleza da santidade de Deus e na santidade de sua beleza. É a última parte que me toca: a santidade de sua beleza. Nossa cultura é ofuscada por imagens de majestade passageira. Nós nos decepcionamos com muita facilidade. O brilho do ouro dos setores financeiro e comercial encanta repetidamente cada geração que passa. As empresas de cosméticos fazem seu melhor para esconder as manchas e rugas de nosso semblante exausto. A fama e a influência convidam nossa devoção singular. Nós, seres humanos, estamos à caça de uma beleza que não se esvai, só para descobrir que ela falha.

Embora precisemos de um profeta da santidade, não é hora para moralismos vazios e irrelevâncias religiosas. Nada disso é suficiente para sustentar ou satisfazer. Pregamos tantos sermões e publicamos tantos livros, sejam eles conservadores ou liberais, que não passam de manifestos morais disfarçados de exegese acadêmica. Logo nos cansamos de ordens frias. Necessitamos de uma visão maior de Deus, muito embora a janela a partir da qual o contemplamos seja pequena.

Este livro é uma visão ampla por meio de uma janela estreita. Preciso, porém, lhe dar uma advertência. O enigma complexo da santidade divina é literalmente indescritível. Nossos melhores esforços não passam de imagens antropomórficas, metáforas para decodificar o mistério. A verdade é que as palavras não bastam. Deus precisa ser vivenciado. E isso, meus amigos, é uma proposta assustadora. Poucas pessoas, de Moisés a D. L. Moody, conseguiram conter a alegria aterrorizante de tal encontro. Por isso, prepare-se. As palavras

contidas nestas páginas são como os degraus de uma escada vertical rumo a uma vista cujo tema é tão glorioso quanto o objeto retratado.

Eu disse a Jackie que ela é uma comunicadora talentosa, mas fiquei pasmo ao ver que sua escrita é igualmente profunda. No papel de lógica e apologista, ela exalta nossa fé mais envolta pela razão. E, com isso, serviu muito bem a sua geração. Quando A. W. Tozer escreveu que “Deus está em busca de homens e mulheres em cujas mãos sua glória permaneça segura”, sem dúvida estava pensando em uma santa cativante como Jackie.

Li este livro e desejei mais de Deus.

Debrucei-me por suas páginas com interjeição e aplauso ao mesmo tempo.

Não estava pronto para a alegria que veio a meu encontro. Aqui está. Leia e chore de alegria.

DR. CHARLES DATES

Pastor titular da Progressive Baptist Church
e professor convidado da Trinity Evangelical Divinity School
e do Baylor’s George W. Truett Theological Seminary

Introdução

Toni Morrison disse certa vez: “Se há um livro que você deseja escrever, mas ainda não existe, então você deve escrevê-lo”.¹ Então aqui estou eu, escrevendo.

Você descobrirá que todos têm um livro “santo” para lhe recomendar, se você for a um seminário, andar pelos corredores de uma biblioteca, perguntar ao pastor qual é o favorito dele, ou a sua amiga, ou a seu pai. Já li muitos até aqui que moldaram minha alma e expandiram minha mente. A obra que você tem em mãos é prova disso. Deixo registrada minha homenagem a nomes como G. E. Patterson, John Onwuchekwa, R. C. Sproul, A. W. Tozer, Stephen Charnock e David Wells por terem me ajudado a pensar sobre o assunto. Valorizo músicas cristãs como “Nobody Greater” [Ninguém é maior], “Nobody Like You, Lord” [Ninguém é como tu, Senhor] e “Nobody Like Jesus” [Ninguém é como Jesus], por colocarem melodia ao tema. Lembro-me de tia Merle, a primeira mulher santa que conheci. Sei identificar uma auréola quando a vejo por causa dessa querida senhorinha. Ela sempre tinha essa aura de santidade. A essa mulher santa, deixo também minha homenagem. Essas influências foram boas para mim, mas, mesmo com a ajuda de todos, eu ainda tinha dúvidas quanto ao tema da santidade que eles me apresentaram.

Eu não me lembro do dia em que pensei nisto e se meu café estava quente ou frio. Só sei que pensei e que necessitava de uma resposta para aquilo que pensei: “Se Deus é santo, então

não pode pecar. Se Deus não pode pecar, então não pode pecar contra mim. Se não pode pecar contra mim, isso não deveria fazer dele o ser mais confiável que existe?”.

É possível que eu tenha pensado nas pessoas antes disso e nos motivos que eu tinha para não confiar *nelas*. As pessoas são incrivelmente problemáticas, para dizer o mínimo. Elas nascem neste lugar com más inclinações e intenções inconsistentes e, claro, não foi isso que nenhuma delas (inclusive eu) foi criada para ser. Deus nos criou à imagem dele. Deveríamos existir no mundo de tal modo que, quando observados, qualquer um que nos olhasse pudesse imaginar Deus com precisão. Quando, porém, se acrescenta à mistura um demônio questionador, uma mulher enganada, a mordida proibida de um homem e a transgressão da lei divina por causa disso, o que resta não é a bondade natural. O que resta é a herança geracional de tudo que é profano e torna cada ser humano bastante diferente de Deus. O mesmo impulso que ergueu a mão de Caim e levou ao clamor do sangue do próprio irmão se encontra dentro de cada pessoa viva. Creio que essa é a origem de todo motivo que nos leva a desconfiar dos seres humanos. Sabemos que, se uma pessoa é pecadora, a má conduta sempre é uma possibilidade, e Deus não permita que nos aproximemos demais para ter o mesmo destino de Abel. Desconfiamos da proteção (sabidamente às vezes) da mão alheia levantada e do clamor de nosso sangue. Não importa se o homicídio é verbal, emocional ou físico, nós nos distanciamos do potencial dos três casos porque conhecemos nossa natureza pecaminosa e já sofremos pecados demais contra nós para saber muito bem que não dá para confiar em pecadores.

Mas e Deus? Ele é tão negligente quanto os outros? É um ser com potencial de ser tão mau quanto nós? Tão mau quanto

Caim e seu pai, o primeiro pecador? Se não, por que o tratamos como a todos os outros? Será que confundimos o Segundo Adão com o primeiro e achamos que ele não passa de uma versão “melhorada” de nós mesmos? Pensamos que sua bondade, embora imensa, não é consistente? Ou que seus mandamentos só são verdadeiros quando não nos ferem? Como se, quando suas instruções nos custam o braço, a perna ou a vida, então ele só pode estar mentindo? O que estou tentando dizer é que, em algum lugar lá no fundo, por trás de nossa descrença, está o pensamento de que Deus não é santo. Um objetivo da obra que você tem em mãos é provar que “se” não pode entrar na frente de “Deus é santo”. Uma vez que ele o é, conforme os capítulos a seguir mostrarão, Deus é totalmente digno de confiança.

De acordo com o autor de Hebreus, “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6). Logo, a fé sempre precisa fazer parte do debate acerca de como interagir com ele. Sem fé, estamos condenados. Com fé, movemos montanhas. Sem fé, é como se estivéssemos em um mar instável, com duas mentes em um só corpo. Com fé, estamos na casa edificada sobre a rocha. Quando os ventos sopram, jogando todo seu peso contra a estrutura, ela — ou melhor, *nós* — não rui. Faz sentido perceber que, de todas as coisas que a serpente poderia destruir, é nossa fé que ela mais ataca. Ao transitar pelas Escrituras, veremos o Deus santo que ele é a fim de que possamos depositar nossa fé em quem ele revelou ser. A fé não é opcional nesse caso. Devemos confiar em Deus como se nossa vida dependesse disso, pois ela de fato depende.

É com base nessa fé em Deus que o fruto cresce. A santidade se manifesta em nós, tornando-nos confiáveis, honestos, dotados de autocontrole, gentis, sábios, puros e mais. Por mais óbvio que pareça, nossos esforços na área da santificação nem

sempre são retratados dessa maneira — mostrando que a fé em Cristo e em quem ele revelou que Deus é precede a santidade. O chamado a uma vida santa muitas vezes tem apresentado o ódio de Deus pelo pecado como o principal incentivo à pureza, em contraste com a exaltação do próprio Deus como motivo. Cresci ouvindo essa técnica. Nela, o pregador se apurava atrás do púlpito para me dizer a verdade: que, sem santidade, ninguém verá a Deus. Se eu fosse pecadora, Deus faria comigo o mesmo que fez com Sodoma, empurrando pelo susto a mim e todos os outros do grupo de jovens a uma vida de pseudossantidade. O problema que surge dessa abordagem é duplo: não me foi apresentada a visão de um Deus santo que explicasse seu valor infinito, negando-me a alegria proveniente de saber que o próprio Deus é o incentivo para o arrependimento. Também não recebi uma pá, nem fui incentivada a cavar além de meus pecados para ver o que estava debaixo deles e entender o contexto do que me levava a pecar daquela maneira.

O solo que leva todo pecado a crescer é a descrença. Pecamos porque isso faz parte de nossa natureza, mas não é como se sempre pecássemos de forma não intencional, como robôs depravados sem a habilidade de nos comportar segundo a razão. Somos conscientes em nossa rebelião. Há um nível de raciocínio dentro de nós quando decidimos qual bezerro de ouro iremos amar em determinado dia. Dito isso, a base de nossa idolatria, o pecado que produz todos os outros, é uma crença específica acerca de Deus. Nossa ética sexual perversa, língua descontrolada, superioridade religiosa, postura legalista, nossos pensamentos sombrios, modos maldosos, nosso mau humor impaciente, nossas bizarrices gananciosas, nossa arrogância intelectual e tendência rebelde surgem do que cremos acerca do Deus vivo. Não estou me referindo à

tentação de cometer esses atos, mas, sim, de sua prática. Fazemos uma dessas coisas ou todas elas quando tomamos a decisão de não crer em Deus, confiar nele, reconhecê-lo ou depender de quem ele revelou ser em algum aspecto.

Vejam os exemplos do jovem rico, que se aproximou de Jesus com uma pergunta necessária: “Que devo fazer para herdar a vida eterna?” (Mc 10.17-22; Mt 19.16-22; Lc 18.18-23). Há algo de admirável nesse jovem anônimo ao querer saber como viver para sempre, mas note como ele se dirige àquele que sabia a resposta. Ele chama Jesus de “bom mestre”. Ignorando a parte do “mestre”, Jesus chama atenção para sua aplicação superficial do termo “bom”. “Por que você me chama de bom? [...] Apenas Deus é verdadeiramente bom.” O desdobramento é óbvio. O jovem chega com uma pergunta para um mestre que ele considera bom, mas não Deus. A crença do jovem rico é tão autêntica que ele é sincero em sua fala ao Deus encarnado, o único verdadeiramente bom, ao declarar que tem guardado sua lei, como se quisesse dizer que ele também é *bom*. Aquilo que ele pensa acerca de Jesus impulsiona sua maneira de pensar sobre si mesmo, preparando terreno para sua recusa a vender tudo que tinha a fim de que Jesus pudesse ser seu maior tesouro. Se Jesus é apenas bom, mas não Deus, então a ordem de segui-lo é opcional. E não é só isso: se Jesus é apenas bom, mas não Deus, então, tecnicamente, ele não é em nada *melhor* do que tudo aquilo que o jovem rico tanto tinha. Por que abrir mão de coisas boas por um homem inteligente, a menos que a verdade seja que esse homem também é Deus e, portanto, melhor do que todas as coisas boas que existem? A escolha dessa verdade transforma a entrega em uma questão de trocar cisternas rotas por água viva, o destino dos bem-aventurados que têm fome e sede e serão satisfeitos porque creem naquilo

que Deus disse acerca de si mesmo (Sl 107.9; Jr 2.13; Mt 5.6). Percebe que, assim como no caso do jovem rico, nossas crenças sobre Deus determinam como nos comportamos?

Se esse for o caso, suspeito que muitos dos métodos e das mensagens referentes à santidade podem, na verdade, incentivar o oposto, conduzindo a uma moralidade terrena, em lugar de uma justiça enviada do céu. Sempre que a santidade é prescrita de uma forma que não implica abordar o sistema de crenças subjacente que levou ao pecado, temos o potencial de deixar a bola cair. Digamos que alguém decide ir a uma igreja, se assentar no banco, cantar os hinos e então ouve um sermão sobre santidade. Nele, escuta coisas do tipo: “Tome a sua cruz e morra todos os dias para o eu”. E: “Não se pode servir ao mesmo tempo a Deus e ao dinheiro”. Que bem tudo isso pode fazer ao ouvinte se ele acredita que Deus é mentiroso? Ele desobedece porque não acredita que Jesus tem vida em si mesmo, vida real, melhor do que qualquer vida superficial oferecida pelo mundo. Se isso não vier à tona, essa pessoa aceitará o chamado de Cristo a morrer para o eu, ou simplesmente achará que a vida está ótima sem ele? E se não houver uma conversa sobre o valor supremo de Deus — como ele, por ser Deus, é melhor do que qualquer coisa que existe? Sem isso, que incentivo há para eliminar um senhor menor, em troca do Deus que é bom? Qual seria a motivação para crer que Deus é mais fiel do que a própria renda? Vivemos supondo que a melhor forma de ajudar as pessoas a ser santas é simplesmente dizer que devem “parar de pecar”, quando, na verdade, a transformação duradoura é uma consequência espiritual de contemplar a glória do Senhor (2Co 3.18).

É por isso que estamos aqui: para contemplar. Para volver nossos olhos a um amor maior. Para ver aquele de quem Adão

se escondeu, para quem os salmistas cantaram, de quem os profetas falaram, com quem os discípulos andaram e que Jesus deu a conhecer. Sei que “santo” é uma palavra acompanhada de um mundo de bagagem. Pensamos nesse conceito e imaginamos o tédio encarnado. Uma mulher que não sorri. O homem tenso que parece jamais ter amado algo ou alguém. Com base em nossa experiência com a religião e como ela faz algumas pessoas parecerem gado, podemos achar que santidade é ser como elas. Distantes, frias, conhecedoras das Escrituras e ignorantes do coração. Mas tudo aquilo que é desprovido de alegria e endurecido não descreve a Deus.

A santidade divina é essencial para a natureza de Deus e fundamental para o ser de Deus. É sua santidade que o torna bom, amoroso, terno e fiel. Sem santidade, Deus não seria belo e, por causa disso, eternamente atraente. Pense na característica oposta manifesta nele e você entenderá o que estou querendo dizer. Se ele fosse soberano, porém mau, sem justiça interior para restringir sua mão, eu não ficaria espantada se o mundo já não existisse mais. Se ele tivesse todo o poder, mas nenhum amor, nossa recusa em amá-lo de volta resultaria em abuso cósmico, ou, quem sabe, um milhão de outros dilúvios, sem um arco-íris ao fim para prometer uma trégua. Se ele não fosse um Deus santo, o que significaria a salvação? Como seria o livramento a um “salvador” egocêntrico? Ainda bem que nosso Deus é incompreensivelmente santo e, portanto, completamente belo em todos os seus caminhos e atos. É por isso que somos convidados a adorá-lo como tal, e ao fazê-lo nos tornamos justos e belos como ele é.

A mensagem que se segue é simples. Escrevo aquilo que gostaria de ter lido. As palavras que explicam a beleza de Deus em sua santidade já foram escritas para nós por meio das

Escrituras inspiradas. Por isso, sei que não direi nada novo. Só estou sendo fiel àquilo que acredito que a Bíblia diz, mas do qual não ouço muito falar. Assim, se há algo que desejo que este livro faça é mostrar Deus para você. Não há ninguém maior. Ninguém melhor. Ninguém mais digno de nosso ser completo. E creio que, à medida que você o enxergar como ele é, desejará ser como ele também.

Santo.